

A Brasília que o Brasil não vê

» CONCEIÇÃO FREITAS

O bolo estava no forno, as portas e janelas estavam abertas para a festa dos 51 anos, quando Brasília ficou sabendo que uma servidora pública a quem cabia defender o cumprimento da lei foi presa com o marido sob a acusação de forjar provas de que é louca. Dois indesejáveis convidados a menos nas comemorações dos 51 anos da capital dos brasileiros. É certo que, se todos os corruptores e corrompidos do círculo do poder fossem presos, haveria que se construir mais uma penitenciária. Mas Brasília não é a capital dos corruptos, como crente parte do Brasil.

Vista de longe, de fora do quadradinho, Brasília aparece na paisagem brasileira como uma cidade que ela não é. Até é, mas não é. É, no circuito vicioso do poder. Mas não é no vasto círculo dos brasilienses que fazem desta cidade a terceira metrópole brasileira em influência regional. Quem está de fora observa a cidade com certa desconfiança e, dada a distância, confunde o cenário. Supõe que a corrupção seja um mal epidêmico entre os brasilienses. Faltam a esses brasileiros janelas que se abram para a Brasília real, inquieta, versátil, panorâmica, verdejante, noturna, congestionada, desigual, bela, vasta, sofrida, criativa, cultural, ecológica, audaciosa, estranha — muitos e muitos adjetivos para descrever a capital do país no que ela tem de parecido e no que ela tem de diferente e único em relação a qualquer outra cidade deste e de outro planeta.

Tivesse a oportunidade de apreciar a capital mais de perto; pudesse abrir a janela de um escritório em Taguatinga, por exemplo, e acompanhar o vaivém inquieto de quem vai para o trabalho, tal e qual qualquer outro brasileiro em qualquer outra grande cidade; pudesse se debruçar sobre o parapeito da janela do Conjunto Nacional e se espantar com a súbita aparição de uma cidade que parece ter sido construída na infinitude do mar; experimentasse a verdadeira Brasília, a de todos nós, os brasileiros entenderiam que os corruptos se empanturraram de dinheiro público sim, mas nem de longe a ação criminosa deles foi capaz de macular "o casamento da audácia modernista com os sertões bravios", como definiu o sociólogo Gilberto Freyre.

Brasília é, em si mesma, uma janela para o universo. Quem mora nos pontos mais altos da cidade ou trabalha em prédios da área tombada sabe que a cidade foi construída para que seus habitantes pudessem experimentar o que experimentam os astronautas: a noção da grandeza de estar vivo. Ou, como disse Clarice Lispector, "a ideia de eternidade". Lucio e Oscar ofereceram ao Brasil uma janela para o infinito da criação humana e para a criação divina.

Não há corrupção capaz de roubar o direito de os brasilienses festejarem o aniversário da cidade. Porque ela é uma conquista do país — "é a derrota dos cretinos", como disse Nelson Rodrigues, o dramaturgo. Para reafirmar essa vitória sobre a cretinice, 1,2 mil artistas já estão se revezando, desde ontem à noite, nos sete palcos montados na Esplanada. Espetáculos de diversidade — do rock ao rap, do punk hardcore à MPB, do samba ao frevo, do funk ao forró.

Da música aos esportes. Craques veteranos, crianças, mulheres, índios, artistas vão bater bola na Esplanada, durante todo o dia. O governador Agnelo Queiroz também vai calçar as chuteiras. A 5ª Maratona Brasília de Revezamento vai oferecer o maior prêmio de corridas de rua da América Latina, quase R\$ 300 mil a serem distribuídos aos ganhadores. E mais: vôlei de praia, regata, tênis, handebol, golfe...

É estreita, escura e fria a janela de onde boa parte do Brasil observa Brasília. Como escreveu o cronista Paulo Mendes Campos, "até os cegos podem ver Brasília pela vibração sutil e confortante dos espaços abertos". Os que não enxergam com os olhos veem com a pele do corpo, o tato, os ouvidos, o olfato, o coração... Mas, quem ainda assim, não conseguir encontrar uma janela ampla e clara, visionária e generosa, que fique com o que disse Juscelino Kubitschek: "Deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da história os que não compreenderam e não amaram esta obra."

Ao bolo, às janelas, à festa.